

CONSTRUÇÃO PATRIMONIAL EM VOLTA REDONDA: UM REFLEXO DAS ESTRUTURAS DE DESIGUALDADE E DAS DINÂMICAS DE EXCLUSÃO SOCIAL (1985-2022)

HERITAGE CONSTRUCTION IN VOLTA REDONDA: A REFLECTION OF THE STRUCTURES OF INEQUALITY AND THE DYNAMICS OF SOCIAL EXCLUSION (1985-2022)

Ana Carolina
Aparecida Jacobelli
de Oliveira

UGB/FERP
e-mail anajacobelli@gmail.com

Eloíza de Oliveira
Pereira de Souza

UGB/FERP
e-mail eloizadeoliveirapereiradesouza@gmail.com

Tânia Bassi Costa

UGB/FERP
e-mail tania.bassi.c@gmail.com

Resumo

Este artigo trata de uma análise da construção patrimonial da cidade de Volta Redonda, procurando identificar a que tipo de memória estes Patrimônios estão vinculados, sejam oficiais ou coletiva, compreendendo os fatores que contribuíram para a seleção destes bens desde a criação da Lei 2.075/1985, buscando trazer reflexões acerca de como se dá a construção patrimonial local e seus usos: construção da identidade coletiva, controle social, expressão cultural, arte, representatividade; Propõe o uso do patrimônio como um meio de referenciar e fortalecer as memórias coletivas, onde as pessoas consigam se identificar e ter sua cultura preservada, sem fazer qualquer distinção, sem que haja intervenção histórica. Ao observar o contexto de criação de alguns espaços e também o de seu tombamento, busca-se compreender como se buscou invisibilizar alguns grupos em detrimento de outros na construção da narrativa histórica da cidade, se utilizando do Patrimônio para a sua efetivação.

Palavras-chave

Patrimônio cultural. Memória. Lugares de memória. Volta Redonda.

Abstract

This article analyzes the construction of heritage in the city of Volta Redonda, seeking to identify the type of memory to which these Heritage Sites are linked, whether official or collective, understanding the factors that contributed to the selection of these assets since the creation of Law 2.075/1985, seeking to bring reflections on how local heritage construction occurs and its uses: construction of collective identity, social control, cultural expression, art, representation; It proposes the use of heritage as a means of referencing and strengthening collective memories, where people can identify themselves and have their culture preserved, without making any distinction, without any historical intervention. By observing the context of creation of some spaces and also their listing, the aim is to understand how some groups were sought to be invisible to the detriment of others in the construction of the historical narrative of the city, using Heritage for its effectiveness.

Keywords

Cultural heritage. Memory. Places of memory. Volta Redonda.



Licença de Atribuição BY do Creative Commons
<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Aprovado em 17/06/2025
Publicado em 30/08/2025

1. INTRODUÇÃO

O Patrimônio Cultural evoca um período, uma memória importante para a história da sociedade, sendo representado pela pluralidade das manifestações culturais e pela riqueza ambiental daquele local: um sítio arqueológico, um espaço, uma prática, um monumento, uma música, uma receita, um ritual, ou seja, um bem material ou imaterial, e é por causa deles que são criados os mais diferentes meios de preservação de memória, conhecidos também como Lugares de Memória e que tem por objetivo em sua estruturação construir a identidade de um povo, bem como manter viva a sua historicidade. Conhecer e compreender esse patrimônio é indispensável para a preservação desses bens, que podem acabar fadados ao sucateamento devido à falta de interesse da população, o que com notória frequência, ocorre pela falta de representatividade, existente nos mesmos.

Elucidaremos isso, através da análise dos bens patrimoniais da cidade de Volta Redonda, que localizada no interior do estado do Rio de Janeiro, se popularizou, construindo sua narrativa histórica, com destaque para as memórias oficiais, em detrimento das memórias populares, e passou a ocupar lugar de evidência dentro da história, elegendo em sua construção patrimonial, memórias que elucidam as Elites dominantes, sendo promovidas pelo Estado como parte das dinâmicas de poder.

A cidade recebe titulação então, a partir da criação da Companhia Siderúrgica Nacional, projeto do ex-presidente Getúlio Vargas e do Período Cafeeiro, marcado pela chegada dos colonos. Na construção patrimonial da cidade, ao longo do tempo, houve uma valorização destas elites e encontra-se nesse patrimônio pouco ou quase nada de conteúdo que dê voz as minorias, como trabalhadores, indígenas, negros, mulheres, que tiveram participação ativa, não menos significativa, na construção cultural, historiográfica e social da cidade.

2. PATRIMÔNIO CULTURAL

O conceito de Patrimônio é algo que pode ser interpretado de maneiras distintas. De acordo com Funari (2009), chamamos de patrimônio, os bens materiais que transmitimos aos nossos herdeiros, mas também definimos como patrimônio, aquilo que recebemos de nossos antepassados, que para além de bens materiais, também pode incluir ensinamentos e lições.

O patrimônio de uma cidade por exemplo, indica a identidade que foi construída por aquele povo, o que escolheram preservar e transmitir para as gerações futuras e mesmo para pessoas que não pertencem àquele ciclo. Para Nara Marlei John (2012):

O Patrimônio Histórico e Cultural constituído por bens materiais e imateriais impregnados de um valor simbólico para a comunidade representa a memória que foi

valorizada e materializada pelos poderes constituídos ao longo do tempo. (JOHN, 2012, p.320)

Quando se fala em Patrimônio histórico, acabamos associando a construções antigas, como as igrejas e templos, tal qual a Igreja de Nossa Senhora da Candelária, localizada na cidade do Rio de Janeiro, ou os casarões em estilo Europeu, que encontramos por exemplo, na cidade de Petrópolis-RJ, (FUNARI E PELEGRINI apud FALCÃO, 2006). Nesse sentido, acabamos associando o patrimônio apenas a atrações turísticas, muitas vezes desconsiderando o real peso histórico desses locais. Em muitos casos as heranças deixadas pelos povos originários e pelos africanos escravizados e trazidos ao Brasil acabam dissociadas do patrimônio cultural. (FUNARI E PELEGRINI, 2006).

A partir dos anos 1980, a historiografia brasileira passou por mudanças, tendo em vista, o momento de redemocratização que o país estava vivenciando. Desde a criação do IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, na década de 1930 foram anos de apagamento de memórias, devido aos parâmetros da organização. (MARTINS apud FONSECA, 2022). Nota-se que desde sua criação o IPHAN carrega os ideais da elite Brasileira, mas aos poucos, as minorias têm lutado para obter o reconhecimento, valorização e preservação de sua cultura.

Foi por ação de resistência de lideranças comunitárias, de servidores públicos, de conselheiros, de políticos, de intelectuais, de religiosos, de artistas, de artesãos, de estudantes que se pode acumular “vitórias” patrimoniais desde a década de 1980. A partir de então, outros esforços foram realizados no sentido de expandir o raio de conhecimento e reconhecimento de expressões dos grupos formadores. (NOGUEIRA, 2022, p. 27-28)

Aquilo que é definido como patrimônio Histórico de uma cidade faz parte de uma construção coletiva, ou seja, não é definido pelo interesse de uma única pessoa, mas por um grupo de indivíduos que compartilham de ideais semelhantes e desejam perpetuar esses ideais.

O Patrimônio Histórico é dividido em duas categorias distintas. O Patrimônio Material é definido pelo IPHAN como “um conjunto de bens culturais classificados segundo sua natureza” (IPHAN, s/d). Construções como a solitária “Chaminé do antigo Engenho”, localizada na cidade de Volta Redonda-RJ, fazem parte daquilo que é considerado um patrimônio material, tendo sido tombada em nível municipal em 19 de dezembro de 1985.

Já o Patrimônio Imaterial está intrinsecamente ligado ao cotidiano, ao modo de viver e de se relacionar das pessoas em diferentes localidades, muitas vezes definindo a identidade de um povo.

Os bens culturais de natureza imaterial dizem respeito àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas; e nos lugares (como

mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas). (IPHAN, s/d.)

O Patrimônio Cultural, seja ele material ou imaterial, faz referência às memórias de um povo, elucidando a sua história, construindo a partir dessa ligação, a sua identidade.

3. MEMÓRIA E PATRIMÔNIO

3.1 O processo de construção da memória

O culto a memória ancestral, a valorização do passado, o resgate de costumes e práticas antigas que de alguma forma se deseja preservar, é inerente a vida em sociedade. Porém, ao longo do tempo, o processo de construção destas memórias foi deixando de assumir seu papel natural e ingênuo. Para compreendermos o processo de construção da memória, é crucial partir de seu conceito. Jacques Le Goff em sua obra *História e Memória*, define memória como:

A propriedade de conservar certas informações, remetendo-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. (LE GOFF, 2013, p. 387)

A memória englobaria, portanto, a capacidade de preservar informações, reconstruir uma lembrança, rememorar e até mesmo trazer à tona uma nova ideia, auxiliando o indivíduo na compreensão de si mesmo e do mundo que o cerca. Porém, quando tratamos de memória, a princípio interpretamos como algo estritamente individual, onde cada pessoa seleciona suas referências, nos conduzindo a entender que por mais que se esbarre no outro ao decorrer das vivências, cada indivíduo é quem assume de fato, o total controle sobre elas.

Borges citando Halbwachs (2013, p. 1) já havia sublinhado que a memória deve ser entendida também como um fenômeno coletivo e social, ou seja, construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações e mudanças.

Embora a memória se instaure no indivíduo, é no coletivo que ela é moldada. Cada sociedade seleciona essas memórias dando a elas diferentes formas, bem como, fazendo delas, diferentes usos, de acordo com seus interesses.

As memórias se abrigam no sujeito, perpassando por todas as suas individualidades, mas para corroborar ou afirmar suas lembranças consciente ou inconscientemente, ele se utiliza das lembranças e experiências do grupo. Portanto, a memória passa a ser um conceito que adentra também para o campo social, ético e político.

As memórias individuais, como vimos, são construídas também ao longo do tempo pelos grupos sociais, e é na coletividade que vai se determinar o que será preservado. Quanto mais forte for o grupo

social, mais aquela memória vai se estabelecer, já que são os grupos que estamos inseridos que irão estruturar nossa memória e, as recordações vêm de acordo com a vivência do tempo presente.

Memória e história estão longe de serem sinônimos. Tomamos consciência que tudo opõe uma à outra. A memória é um fenômeno vivo, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. A história, porque operação intelectual, demanda análise e discurso crítico. A memória instala a lembrança, se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga às continuidades temporais, às evoluções e às relações das coisas. A memória é o absoluto e a história só conhece o relativo. (NORA, Pierre, 1993, p. 9)

Assim sendo, para além destas reflexões se faz possível compreender que dentro do campo social, a representação destas memórias como parte crucial no processo de construção das memórias individuais, nem sempre serão interpretações fiéis dos acontecimentos, mas muitas vezes construções voluntárias em cima daquilo que se deseja transmitir.

3.2. A consolidação da memória

Ao tratarmos de patrimônio cultural, somos imediatamente conduzidos a associar o termo aos conceitos de memória e identidade, visto que identificamos o mesmo, como um meio onde as memórias assumem forma para resgatar e reafirmar o passado, fortalecendo o sentimento de pertencimento entre os indivíduos, passando assim a assegurar a identidade cultural dos grupos.

Os mecanismos de seleção da memória se encontram na associação de ideias, nos sentimentos, valores, bem como na visão de mundo dos indivíduos, naquilo que de alguma forma pode os unir ou separar, numa constante busca por identificação.

Dentre os meios para que aconteça a rememoração, se encontram o que Pierre Nora (1993) chamou de Lugares Memória, podendo ser espaços físicos ou simbólicos, lugares materiais ou imateriais que servem como ponto de referência para a identidade do grupo local, ajudando a sociedade a se lembrar e se conectar com o seu passado, pela sua capacidade de evocar e relembrar grandes momentos históricos, sustentar a continuidade de tradições culturais daquele grupo e preservar a identidade local.

Abordar a temática da memória nos leva, instantaneamente, a discutir a questão do esquecimento, porque à medida que uma memória é estabelecida, outra passa a ser deixada de lado. No contexto social essa dinâmica de seleção e controle da memória ocorre através de vários mecanismos e práticas que determinam quais eventos, figuras e narrativas serão lembrados ou esquecidos.

Analisando essa disposição da memória que, ora pode ser rememorada ou esquecida, encontram-se os vieses para se fortalecer ou apagar identidades sociais conforme o interesse político,

econômico, religioso, cultural, dentre outros, do grupo social dominante. Um dos principais meios onde acontece esse controle da memória social, é através do processo de “Institucionalização da memória”:

Memória Institucional consiste em uma (re) construção de fatos e acontecimentos significativos da trajetória e das experiências da organização, selecionados e (re) organizados com o objetivo de estimular o processo de (re) construção de uma identidade comum entre esta e seus públicos de interesse. (BARBOSA, 2010, p. 10)

Esta seleção do que é arquivado e exibido é um ato de controle da memória, processo pelo qual a memória coletiva é formalizada, organizada e preservada. É a transformação da memória espontânea em uma memória institucionalizada e estruturada para um fim, nunca sem um objetivo.

Em nossa abordagem, analisaremos o contexto histórico do município de Volta Redonda, situado no Estado do Rio de Janeiro, compreendendo o Patrimônio Cultural, como um meio que faz referência a essas memórias, resgatando informações sobre o passado, como forma de preservar, bem como, estabelecer o elo que unirá os cidadãos em comunidade, podendo ser utilizado também para retirar toda espontaneidade e naturalidade do processo de construção simbólica, para moldar a história nacional desejada.

4. CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA NA CIDADE DE VOLTA REDONDA

De acordo com os registros do site da Prefeitura da cidade de Volta Redonda, localizada no estado do Rio de Janeiro, os “primeiros desbravadores” teriam chegado à região por volta de 1727, quando os Jesuítas após demarcarem determinadas terras teriam “aberto caminho para a colonização do Médio Paraíba”. Pouco se faz referência à povos indígenas vivendo na região no texto disponibilizado pelo site, apenas uma pequena menção no final da página, onde é dito que a região antes era “berço de povos Puris e Araris”, mas teve a presença de “grandes exploradores e barões “. Pode-se observar então, uma grande valorização da figura do homem branco explorador na formação da cidade.

De acordo com o historiador Alkindar Costa no início da exploração da região, o encontro com os indígenas não era amistoso. O historiador vem dizendo:

Nas pesquisas realizadas, vamos encontrar os Puris repartindo o domínio de Nossa Senhora da Conceição do Campo Alegre da Paraíba Nova com os Coroados que, em São João Marcos, eram absolutos. (...) O Barão de Schwege, Debret e Rodolfo Garcia eram de opinião que os Puris tiveram origem comum com os Coroados e pertenciam à nação chamada de "Tapuia". Os Puris, como os Botocudos, descendiam dos antigos Aimorés. Já os índios Coroados eram remanescentes dos Guarus ou Guarulhos. (...)

Historiadores apresentam os índios Araris, encontrados na região, confundindo-se com os índios Coroados. (COSTA, Alkindar, 1992, p. 15)

No ano de 1928 o povoado formado na região e até então chamado “Santo Antônio da Volta Redonda”, tornou-se oficialmente distrito do Município de Barra Mansa. Com a crescente busca pelo estabelecimento de indústrias de base no Brasil no período em que este foi governado pelo Presidente Getúlio Vargas, Volta Redonda, então distrito de Barra Mansa, é escolhida como local de construção da Companhia Siderúrgica Nacional, fato este que trouxe uma grande transformação não apenas para a região como para o país.

A implantação da Usina na Volta Redonda, e a forma de sua constituição ficaram definidas em julho de 1940. Foi financiada por créditos americanos concedidos pelo Export-Import Bank, e por recursos do governo brasileiro. Seu controle ficou nas mãos de uma empresa de economia mista a Companhia Siderúrgica Nacional, organizada em janeiro de 1941. (FAUSTO, s/d, p. 204)

A grande siderúrgica, símbolo da industrialização no país, foi erguida com o suor e o esforço de milhares de trabalhadores vindos de diversas partes do país, trazendo consigo suas próprias histórias, identidades e costumes. Estes trabalhadores ficaram conhecidos como Arigós (Alves, 2020), viviam sob condições pouco favoráveis e enfrentavam inúmeras dificuldades.

A região recebeu cada vez mais trabalhadores, trabalhadoras e suas famílias, que vieram buscar melhores condições de vida. Carlos Haag citando Dinius diz que Getúlio Vargas e seus aliados viam Volta Redonda como uma vitrine de uma ordem cristã que permitiria ao Brasil, enfim se tornar uma sociedade industrial. O Ideal da CSN era aculturar homens de origem rural que vieram para as obras a fim de que se ‘civilizassem’ para trabalhar na usina, criando uma comunidade de famílias trabalhadoras. (HAAG APUD DINIUS, 2011)

A região cresceu e se desenvolveu juntamente com a Companhia Siderúrgica Nacional, até que em 17 de julho de 1954, após diversos movimentos que buscava a emancipação do território, Volta Redonda deixa de ser um distrito de Barra Mansa e se torna oficialmente um município, tendo como primeiro Prefeito, Sávio de Almeida Gama. Essa ligação entre a formação do Município e a construção da Companhia Siderúrgica Nacional foi estabelecida de uma maneira tão forte que é observada em diversas características da cidade, desde um de seus apelidos “Cidade do aço”, chegando até mesmo ao hino do time de futebol local, chamado de “Voltaço”: “O município é seu braço, a indústria o coração, além de recordista de aço, quer ver o seu clube campeão”.

Tantos elementos ligados ao aço e a indústria transmitem a ideia de que a cidade é a indústria e a indústria é a cidade, um não pode existir sem o outro, e as pessoas envolvidas estão fadadas a estarem presas apenas a este rótulo de “Cidade do aço”, aos moldes da cidade operária cristã que Vargas queria implantar na década de 1941. Todavia, há de se considerar outros fatores que tiveram

e ainda têm um papel importante na formação da cidade.

5. O PATRIMÔNIO HISTÓRICO DE VOLTA REDONDA

A partir do ano de 1985 começa-se o processo de tombamento do que viria a ser o patrimônio cultural de Volta Redonda. Naquele ano a “Igreja de Santa Cecília”, construída pela CSN em 1943, a “Chaminé do antigo Engenho” construída no ano de 1903 como parte do engenho de açúcar da fazenda Santa Cecília, a “Sede da Fazenda Três Poços”, construída no ano de 1840 e considerada um dos símbolos do período do café na região e o “Cinema Nove de Abril”, foram elevados à categoria de patrimônio.

O Cinema Nove de Abril, como era chamado, foi fundado em 27 de fevereiro de 1959. Recebeu este nome por ser a data da Fundação da Companhia Siderúrgica Nacional, mais uma vez destacando o caráter operário da cidade. Prometendo ser um dos maiores cinemas do país, foi pensado para ser um espaço de luxo, por muito tempo, só permitindo a entrada de homens de terno e gravata; Deste modo, desde a sua criação, já carregava um viés excludente, impedindo de certa maneira que um cidadão de baixa renda pudesse frequentá-lo

No entanto, o processo de reconhecimento e valorização do Patrimônio na cidade não seguiu com a mesma intensidade do período de criação da Lei 2.075/1985. Os próximos registros viriam apenas no ano de 1988, quando foram reconhecidos como Patrimônio Cultural, a “Praça Brasil”, construída entre os anos de 1954 e 1957, cujo projeto foi autografado pelo então presidente Getúlio Vargas e mais tarde inaugurada pelo presidente Juscelino Kubitschek. Também foi tombado no ano de 1988, o “Instituto de Educação Professor Manuel Marinho”, na época chamado de Colégio Estadual Professor Manuel Marinho, construído em 1943, projetado inicialmente pela C.S.N. para ser um hotel. Teve sua área doada ao governo do Estado, para se tornar um grupo Escolar destinado a atender os filhos dos operários da Usina.

No ano de 1991 ocorreu a elevação a patrimônio do “Antigo Centro de Puericultura”, que já foi uma grande referência no atendimento a mães e crianças. Também nesta época foi tombada a “Igreja de Santo Antônio”, denominada Capela de santo Antônio da Volta Redonda, localizada no bairro Niterói. A igreja foi construída no ano de 1870 para atender o desejo dos moradores do povoado daquela época, que enfrentavam dificuldades para frequentar a Igreja Matriz de São Sebastião, localizada onde hoje é o centro da cidade de Barra Mansa.

No ano de 1992, dois anos após sua construção, o “Memorial Zumbi dos Palmares”, torna-se patrimônio, este, surgiu como forma de preservação e difusão da cultura Afro em Volta Redonda. Também foi tombado neste ano, o “Monumento aos Ex-Combatentes”, construído em 1991 para homenagear os 20 expedicionários da região que combateram em Monte Castello, Itália durante a

Segunda Guerra Mundial. Ainda no ano de 1992 foi elevado a patrimônio o “Clube Foto Filatélico Numismático” de Volta Redonda, cuja sede foi construída em 1973. Possuía o intuito de promover as artes fotográficas, coleções de selos e o estudo de cédulas e moedas. De acordo com o site da secretaria de cultura de Volta Redonda, em 2012 o Clube fundou e mantém até hoje, o Museu da Memória do Trabalhador Brasileiro

No ano de 1993 foi tombada a “Associação dos Aposentados e Pensionistas de Volta Redonda” juntamente com o “Colégio Estadual Barão de Mauá”, obra de Getúlio Vargas, construída em 1943. Foi o primeiro educandário do então oitavo distrito de Barra Mansa e recebeu o nome de uma figura admirada por Vargas, Irineu Evangelista de Souza, o Barão de Mauá. A partir deste ponto, há um intervalo de 4 anos, até o ano de 1997, quando o “Hotel Bela Vista” recebe o título de patrimônio, este construído em 1942, para atender os clientes e fornecedores da Companhia Siderúrgica Nacional.

Nos anos de 2003 ocorre o tombamento do “Antigo Tiro de Guerra”, localizado no bairro Sessenta, fundado em 1943 para atender às necessidades de prestação de Serviço Militar dos empregados da CSN. Em 2007 tornam-se patrimônio, a “Fazenda São João Batista”, localizada no bairro Voldac, construída no Século XIX, mas que se tem pouca informação de sua origem e o “Grêmio Artístico e Cultural Edmundo de Macedo Soares e Silva – GACEMSS”, importante estabelecimento cultural da cidade, organizado em 1945 pelos jovens Nelson Carneiro, Orlando Alvisi, Bernardo Bem-feito e Paulo Fleming, Tendo o Teatro GACEMSS sido inaugurado em setembro de 1981, com a peça “O jogo das contas de vidro”.

Outro patrimônio da cidade só seria reconhecido em 2020, com o tombamento do “Complexo Esportivo Recreio do Trabalhador”, construído entre os anos de 1951 e 1954 para atender ao novo modelo de homem brasileiro pertencente a “família siderúrgica”, dentro da utopia industrial idealizada por Vargas e os ideólogos do Estado Novo (HAAG APUD DINIUS, 2011). Enfim, no ano de 2022 houve o tombamento do “Clube Umuarama”, construído em 1951 para atender Engenheiros e técnicos da Companhia Siderúrgica. O clube até o ano de 2024 é envolto em polêmicas devido à disputa judicial entre a Prefeitura de Volta Redonda e a C.S.N. pela sua posse.

5.1. Monumentos

Além dos patrimônios culturais destacados pela Secretaria de Cultura do Município, existem importantes monumentos que nos ajudam a compreender a formação e a história local. Há um grande destaque para o “Monumento Símbolo de Volta Redonda”, que representa a curva do rio e pode ser observado também em vários monumentos como: 50 anos de Emancipação, localizado entre os bairros Niterói e Aero Clube, “Pórtico aos Pioneiros”, monumento localizado no bairro Conforto. “Casulo do dragão” localizado em um dos canteiros do Mergulhão Marco Antônio Reis, cuja forma

representava tanto a curva do rio quanto a "força interior" da Companhia Siderúrgica.

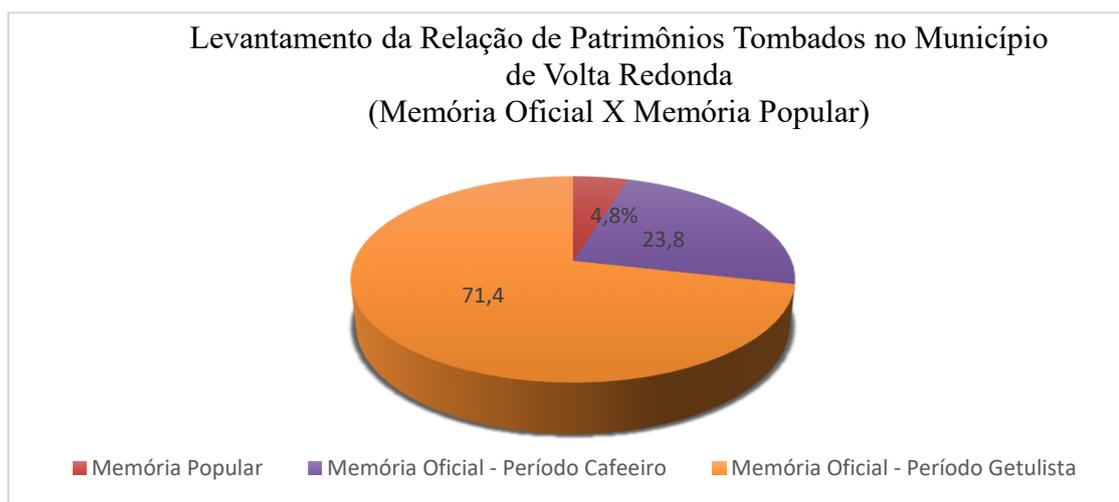
Outros monumentos da cidade destacam a figura do operário bem como a Companhia Siderúrgica Nacional, como é o caso da do painel “Memorial dos Pioneiros” localizado abaixo do viaduto Nossa Senhora das Graças no bairro Aterrado, a escultura “O Arigó” e “O desenvolvimento”, localizadas próximas ao antigo Escritório Central e o “Memorial 9 de Novembro”.

Ao analisarmos os patrimônios e monumentos da cidade de Volta Redonda, podemos ter uma dimensão da formação da identidade de seus habitantes, de sua intrínseca ligação com a Companhia Siderúrgica Nacional e das memórias que estão sendo valorizadas ou descartadas.

5.2 Análise dos bens patrimoniais da cidade

Como analisado até aqui, identificamos que a memória assume diferentes formas, podendo ser conduzida pela intencionalidade do meio social. Jacques Le Goff em seu livro História e Memória (1988) introduz o conceito de Memória Oficial para se referir ao uso das memórias como uma ferramenta política de poder, criando uma identidade coletiva, moldando no contexto da história, os aspectos que se deseja destacar, e a diferencia de outras formas de memória, como a memória popular, ou a memória das minorias, para demonstrar como o sistema dominante se usa de figuras, símbolos e eventos, para fundir a percepção coletiva dos indivíduos acerca de seu contexto social, excluindo ou incluindo-as nas versões oficiais da história.

Gráfico 1: Levantamento da Relação de Patrimônios Tombados no Município de Volta Redonda



Fonte: Elaborado pelos autores

Analisando o gráfico, é possível observar que 95,2% dos bens Patrimoniais do Município de Volta Redonda, fazem referência a uma Memória Oficial, evocando a narrativas específicas do

passado histórico e político da cidade, exaltando aos seus respectivos governos, como forma de controle simbólico para conduzir o processo de consolidação histórico da cidade, bem como para garantir a legitimação do poder das elites do período, e a exclusão das minorias desse processo.

Dentre estes patrimônios, 23,8% foram tombados como memória Oficial da cidade referente ao Período Cafeeiro como: a Chaminé do Antigo Engenho de Açúcar, a Fazenda São João Batista, a Igreja de Santo Antônio, a Sede da Fazenda Três Poços e a Sede da Fazenda Santa Cecília.

Estes bens fazem referência a um período da história da cidade, entre os séculos XIX e XX que elegeu a região como o Vale do Café, pois sua principal fonte de renda nesta época era o cultivo do grão, produzindo 75% do café consumido no mundo. Os donos das fazendas aqui da cidade, costumavam vir de famílias tradicionais portuguesas, que receberam terras ao longo do período colonial, perpetuando o poder e as propriedades ao longo das gerações.

Os fazendeiros, em seu status mais elevado Barão, Conde, Visconde (titulação dada pelo Imperador para recompensar seu apoio político e econômico nesse período), dentre outros, deixaram um legado arquitetônico como casarões e igrejas, que refletem o poder e a riqueza que detinham na época. A igreja possuía uma relação intrínseca com os fazendeiros, na busca por manter o seu status e manter-se enquanto instituição. Os fazendeiros, também viabilizando a legitimação de seu poder permitiam que a Igreja lhes prestasse serviços, como a construção de capelas em suas propriedades, a oportunidade de atuar com papel de destaque juntamente com suas famílias em seus eventos, dentre outros “favores” que em troca, eram pagos com o custeamento dos gastos financeiros da Igreja. Estes compunham basicamente a elite representante do período, elucidada através do patrimônio.

Na busca por consolidar tais memórias e fixar uma identidade local, exaltando o Estado, a Igreja, os grandes barões de café, a elite aqui instaurada, evocando a potente influência Europeia no território brasileiro, se fez notório que houve baixa representatividade da memória denominada popular, como a escravista, de legado cultural africano, pertencente à formação local, enquadrada no mesmo período histórico, de contribuição semelhante ou superior para a formação da população, para construção da cidade, bem como para a economia, mas que atuando sem lugar de destaque, foram personagens que acabaram sendo invisibilizados dentro da história do município. Corroborando o estudo, para LE GOFF (1992) o que perdura enquanto memória são as escolhas e não a totalidade do que se viveu no passado. Ou seja, compreende-se ocorrem escolhas no que se refere à memória conforme o interesse pela sua utilização na organização, vinculada às relações de poder por meio de uma seleção entre verdades que são reveladas ou silenciadas.

A grande massa das fazendas cafeeiras adotava o regime escravista como força de trabalho. Os escravizados eram responsáveis por todo processo produtivo. Além do trabalho agrícola, muitos eram encaminhados para atividades domésticas nas fazendas, como cozinhar, limpar e cuidar das casas dos

fazendeiros. Tais propriedades geraram enorme riqueza local, o que faz emergir a sociedade agrária tradicional, sob tamanho impacto dessa geração de lucros. Apesar do denso clima vivido naquele momento, muitos escravos resistiam àquela forte imposição servil e ao processo de aculturação, através da preservação de elementos de sua própria cultura, como a religião, a música e a dança.

Ao período Cafeeiro, onde houve a grande contribuição escravista para a história da cidade de Volta Redonda, temos reconhecido como patrimônio, fazendo referência à memória popular, apenas o Memorial Zumbi. Pode-se considerar, portanto, que o Memorial Zumbi dos Palmares, é o único bem material tombado dentro do município, que busca movimentar o cenário cultural, evocando a memória coletiva.

Outros 71,4% dessas memórias fazem referência a um período, onde o governo do Estado Novo (1937-1945), sob a presidência de Getúlio Vargas, transformou a história do Município, dando a ela uma nova narrativa. A cidade passa então a ser estruturada conforme os ideais políticos vigentes, que buscavam promover ali a industrialização do país.

A partir de 1942, inspirada na cidade de Cleveland/Ohio ao redor da Usina de aço, vários bairros, com milhares de casas, vão invadindo e modificando a bucólica paisagem de laranjais e eucaliptos, definindo a Cidade Operária da CSN. Dividida em setores: área comercial no centro, igreja no alto de colina, área de lazer noutro canto, serviços ao longo da principal via, a 33. (SECRETARIA DE CULTURA DE VOLTA REDONDA)

O que culminará, no maior número de Patrimônios existentes na local como sendo referentes a esse período: O Antigo Centro de Puericultura, a Sede da Fazenda Santa Cecília, o Hotel Bela Vista, o Antigo Tiro de Guerra, o Colégio Estadual Barão de Mauá, o Colégio Estadual Manuel Marinho, a Igreja Santa Cecília, o Grêmio Artístico e Cultural Edmundo de Macedo Soares e Silva (GACEMSS), a Praça Brasil, Prédio da Antiga Radio Siderúrgica Nacional (tombamento não reconhecido pelo INEPAC), o Recreio do trabalhador, o Clube Umarama, o Cinema Nove de Abril, a Associação dos Aposentados e Pensionistas de Volta Redonda e o Clube Fotofilatélico.

Todos os Patrimônios listados fazem referência às vias de poder dominantes da época, exaltando a atuação do ex-presidente Getúlio Vargas, baseado em seus ideais políticos nacionalistas e desenvolvimentistas. A memória eleita oficial para o contexto da cidade, exalta a atuação do governo, seu projeto de modernização, bem como suas construções planejadas para abrigar o projeto de instalação da Companhia Siderúrgica Nacional na cidade e toda a trajetória do ex-presidente durante seu mandato. Ficando de fora deste conjunto, apenas o Memorial aos Ex-Combatentes, referente ao período da 2ª Guerra Mundial.

A identidade que Volta Redonda carrega ainda hoje é de uma cidade que se erigiu a partir de

um governo, exatamente como acontece quando se elege uma memória oficial. Percebe-se uma grande valorização da C.S.N. e da figura de Getúlio Vargas:

Até 1941, Volta Redonda era, apenas, um ponto insignificante no mapa do Estado do Rio de Janeiro, e tão importante para a vida econômica, social, política e tecnológica do Brasil, quanto seria qualquer diminuto vilarejo interiorano. Ademais, nem se poderia inclui-la no circuito das “cidades mortas” do Vale do Paraíba- de que tratara Monteiro Lobato, em seu livro homônimo- já que nem se quer uma simples cidade o fora Volta Redonda, mesmo nos áureos tempos da opulência do café. Como foi o caso de Bananal, em São Paulo, por exemplo. (BEDÊ, Waldyr, 2004, p.35)

Cabe ressaltar, que os feitos do governo Getulista foram de extrema relevância para o desenvolvimento político-econômico da cidade e região, porém, o que está sendo colocado em análise, é o isolamento dos fatos históricos, para promover uma entidade em suas instâncias de poder, sendo utilizados como forma de dominação, para moldar a visão de uma população sobre sua historicidade, bem como fundir a sua identidade, enquanto outras figuras pertencentes a esse mesmo contexto vão sendo marginalizadas e aos poucos, apagadas de sua própria história, sendo que o manejo de escolha do patrimônio tem por objetivo, preservar aquilo que uma sociedade reconhece como sendo relevantes para a sua identidade e preservação histórica, representando uma coletividade.

Paralelo a esse contexto, tivemos figuras que obtiveram grandes feitos, contribuindo significativamente para a formação política, social, econômico, histórico- cultural da cidade, mas que no processo de seleção das memórias para preservação, não encontraram relevância em preservá-las, visto que, eram figuras emergentes da classe popular, refletindo um cotidiano luta, dificuldades, tradições, valores e ideias que por vezes, divergiam dos ideais do grupo dominante. Um exemplo são as Classificadoras de Folhas Flandres, participação feminina na indústria em um cenário dominado pela mão de obra masculina e pelo machismo. Alkindar Cândido da Costa, em seu livro Volta Redonda Ontem e Hoje (1992), ainda relata a participação de cerca de mil mulheres na primeira greve trabalhista da Siderúrgica em 1984.

No relato sobre a greve de 1988, Alkindar explica que a ocupação marcou a história da cidade, registrando o falecimento de três metalúrgicos, ficou conhecida como a Greve dos 17 dias. O autor vem trazendo que até 19 de novembro de 1988, os registros eram de 3 mortos, 9 internados e 33 atendidos e liberados (COSTA, 1992, p. 80-81).

Após o forte impacto da repressão sofrida pela cidade e pelo imenso sentimento de pesar instaurado pelos rastros deixados pela luta dos trabalhadores em prol de seus direitos, bem como pela morte dos operários Carlos Augusto Barroso (19 anos), Walmir Freitas Monteiro (27 anos) e William Fernandes Leite (22 anos), marco na história de luta sindical do município, o Sindicato dos Metalúrgicos decide homenagear os que bravamente lutaram a ponto de perder suas vidas, para

garantir o direito básico de cada trabalhador, através da criação do “Memorial 9 de Novembro”, idealizado por Oscar Niemeyer. Após erguido, o Memorial sofreu um atentado, sendo reconstruído e reinaugurado em 12 de agosto, de 1989, às 15 horas.

Em 2023 o Ministério Público Federal recomendou ao IPHAN o tombamento do Memorial 9 de Novembro por representar um período significativo para a história brasileira. Em 2016, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, havia decidido pelo não-tombamento, alegando que ele não possuía valores históricos ou artísticos dentro do conjunto de obras de Oscar Niemeyer que justificasse o tombamento em nível nacional (MPF, 2023). Em 15 de dezembro de 2023 foi aprovada a lei estadual no 10.143/2023, de autoria do deputado Jari Olivera, que declarava o Memorial 9 de novembro como Patrimônio Histórico-Cultural do Estado do Rio de Janeiro.

As memórias de cunho popular dentro da cidade de Volta Redonda acabam sendo cerceadas, não encontrando espaço para preservação, visto que o que predomina é a valorização da produção de uma narrativa histórica específica.

6. CONCLUSÃO

A memória constitui-se como fator crucial no processo de formação da identidade individual e coletiva do ser humano. Preservar essa memória é parte indissociável da vida em sociedade. Ao longo do tempo, a preservação dessas memórias se deu naturalmente através da oralidade, por meio de tradições, festas populares, músicas, contos e práticas culturais que as perpetuam entre gerações. Porém, essa manifestação cultural deixou de ser ingênua e passou a ser controlada por interesses, onde a história se despe de uma narrativa neutra para assumir a idealizada.

Analisando o contexto da cidade de Volta Redonda, se faz possível perceber como ocorre essa dinâmica, tendo em vista o processo de institucionalização da memória através da construção patrimonial da cidade. Se faz notório a valorização de uma memória oficial que reverencia as grandes elites de cada período citado, tomando todo o enredo histórico, em detrimento da memória popular, que aos poucos foi sendo apagada da história.

Com base na análise, foi possível perceber que uma parcela significativa dos imóveis mencionados ao longo deste artigo, apesar de terem recebido o título de patrimônio Oficial da cidade, sofrem descaso e encontram-se em situação precária, como é o caso do Recreio do Trabalhador e o antigo Tiro de Guerra. Outros, mesmo em estado de conservação apropriado de sua estrutura, são apenas espaços vazios ou monumentos que são desprezados pela população da cidade. Se o patrimônio de uma cidade teria como objetivo preservar sua identidade e memória, seu sucateamento indicaria à falta de representatividade ali instaurada, pois trata-se na verdade de uma memória elitizada, onde o povo não consegue reconhecer-se. Portanto, não desperta interesse pelo

aprofundamento e preservação dos mesmos, a não ser que de maneira induzida. É importante entender o Patrimônio Cultural como um meio de referenciar e fortalecer essas memórias ancestrais, onde as pessoas consigam se identificar e ter sua cultura preservada, sem fazer qualquer distinção de classe. E que se nesse processo há algum conflito, é porque a história está sendo seletiva.

REFERÊNCIAS

BEDÊ, Waldyr Amaral. **Volta Redonda na Era Vargas (1941-1964)**. 2º ed. Volta Redonda, 2004.

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA (UniFOA). **Joias Raras**. Disponível em: <https://www.unifoa.edu.br/joias-raras>. Acesso em: 07 ago. 2024.

COSTA, Alkindar Candido da. **Volta Redonda ontem e hoje**: Volta Redonda, 1978.

Folha do Aço. **Estado de abandono do Recreio do Trabalhador**. Disponível em: <https://folhadoaco.com.br/2022/12/18/estado-de-abandono-do-recreio-do-trabalhador-preocupa-moradores-da-vila-que-temem-foco-de-dengue/#:~:text=Uma%20das%20mais%20tradicionais%20%C3%A1reas,tomada%20em%20raz%C3%A3o%20da%20pandemia> Acesso em 15 out.2024.

FUNDAÇÃO CSN. **Captando o passado**. Disponível em: <https://fundacaocsn.org.br/captandopassado/>. Acesso em: 10 jun. 2024.

FUNDAÇÃO OSCAR NIEMEYER. **Obra arquitetônica**. Disponível em: <https://www.oscarniemeyer.org.br/obra/pro309>. Acesso em: 10 jun. 2024.

FUNARI, Pedro Paulo. **Patrimônio histórico e cultural**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

GONÇALVES, Douglas. **Rádio Siderúrgica Nacional: Memória e Sociedade – Volta Redonda**. Disponível em: https://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1276809500_ARQUIVO_ASSOCIACAO_NACIONALDEHISTORIA-douglasgoncalves.pdf. Acesso em: 06 jun. 2024.

GONÇALVES, Douglas Baltazar. **RÁDIO SIDERÚRGICA NACIONAL: MEMÓRIA E SOCIEDADE – VOLTA REDONDA (1955 – 1980)**. Disponível em: https://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1276809500_ARQUIVO_ASSOCIACAO_NACIONALDEHISTORIA-douglasgoncalves.pdf. Acesso em 15 out.2024.

HAAG, C. **Uma cidade feita de suor e aço**. Revista Pesquisa Fapesp, 2011. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/uma-cidade-feita-de-suor-e-a%C3%A7o/>. Acesso em: 9 jun. 2024

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). Página sobre Patrimônio Cultural. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/126>. Acesso em: 06 jun. 2024.

JOHN, Nara Marlei. **Identificação, valorização e preservação do patrimônio histórico e cultural**. Disponível em: https://www.eeh2012.anpuh-rs.org.br/resources/anais/18/1343687593_ARQUIVO_TextoparaincluirmosanaiseletronicosdoXIEncontroEstadualdeHistoria.pdf. Acesso em: 25 jun. 2024.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução de Irene Ferreira e Ana Maria da Costa Lopes.

7ª ed. Campinas: Editora UNICAMP, 1988.

POLLAK, Michel. **Memória e Identidade. Estudos Históricos.** Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, p. 200-212. Disponível em: <http://www.pgedf.ufpr.br/memoria%20e%20identidadesocial%20A%20capraro%202.pdf>. Acesso em: 05 jun. 2024.

PREFEITURA DE VOLTA REDONDA. **História.** Disponível em: <https://www.voltaredonda.rj.gov.br/cidade/8-interno/12-historia/>. Acesso em: 06 jun. 2024.

PREFEITURA DE VOLTA REDONDA. **Patrimônio Cultural.** Disponível em: <https://cultura.voltaredonda.rj.gov.br/patrimoniocultural/>. Acesso em: 04 jun. 2024.

ROCHA, Thaíse Sá Freire. **Refletindo sobre memória, identidade e patrimônio: as contribuições do programa de Educação Patrimonial do MAEA-UFJF.** 5º Encontro Regional (ANPUH-MG), 2012.

SOARES, Paulo Célio. **Captando o Passado.** Disponível em: <https://fundacaocsn.org.br/captandopassado/> Acesso em 15 out.2024.

VOLTA REDONDA. Lei n. 5662, de 09 de dezembro de 2019. Dispõe sobre o **Patrimônio Cultural de Volta Redonda.** Disponível em: https://cultura.voltaredonda.rj.gov.br/wp-content/uploads/2022/01/lei_5662-2019.pdf. Acesso em: 10 jun. 2024.

NORA, P.; AUN KHOURY, T. Y. ENTRE MEMÓRIA E HISTÓRIA: A PROBLEMÁTICA DOS LUGARES. **Projeto História : Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, [S. l.]**, v. 10, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>. Acesso em: 19 out. 2024.

BARBOSA, A. A. **O lugar da memória institucional nas organizações complexas.** In: INTERCOM – SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO. XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Fortaleza: Intercom, 2012. Anais... Fortaleza: Intercom, 2012. p. 1-15. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2012/resumos/R7-2443-1.pdf>. Acesso em: 19 out. 2024

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL. **MPF recomenda ao IPHAN que realize o tombamento do Memorial Nove de Novembro em Volta Redonda (RJ).** Disponível em: <https://www.mpf.mp.br/rj/sala-de-imprensa/noticias-rj/mpf-recomenda-ao-iphan>